

PEPETELA – O POETA DA UTOPIA^{*}

Tomás Medeiros
São Tomé e Príncipe

La philosophie que l'homme se choisit dépend de ce qu'il est.
FICHTE

Com a publicação de MAYOMBE e GERAÇÃO DA UTOPIA, PEPETELA inaugura no imaginário angolano, uma etapa nova. Escritor comprometido, faz da sua obra uma tribuna por onde perpassa uma galeria de personagens que divergindo daquelas que “*lutam, apenas, por serem RECONHECIDOS por uma outra consciência humana*” (HEGEL), assumem, como os utopistas russos que pretendiam que a Rússia passasse directamente do estado agrário e feudal ao socialismo, a postura de lutarem e construirem a partir duma sociedade colonial e prè-capitalista, o socialismo científico.

Diante de nós, desfilam, em filigrana, “*personagens-ideólogos*”, cada um representando uma determinada concepção do mundo, uma postura perante a vida. Assim se produz a vitalíssima simbiose do homem e ideia que infunde de tanto dramatismo às criações do escritor. Na personagem dá-se uma ideia, uma atitude perante o mundo, mas ideia, sem perder a sua condição de categoria – ou seja, sem deixar de ser abstracta – que apresenta-se-nos vivida por um homem em situação concreta, com um sem fim de dúvidas e ressonâncias que cada situação suscita no

(*) Alocução proferida no I Congresso Internacional de Língua Portuguesa e Literatura em Língua Portuguesa. Santarém, 26/11/1993.

espírito do indivíduo. Assim, o choque de personagens é, por sua vez, o choque de ideias. Configuram-se desta forma, como personagens da novela polifônica, não interessando ao seu criador como fenómenos da realidade mas, tão sómente, como pontos de vista sobre o mundo e sobre si mesmo. Daqui resulta que fazendo tábua rasa do “*estado concreto da situação concreta*”, perdem-se na confrontação de ideias e sentimentos, com personagens que dialogam entre si e dialogam consigo mesmo.

PEPETELA enreda os seus personagens, seguelhes a caminhada, vive os seus dramas tão intensamente que quando caem derrotados, cae também com eles. E com eles – personagens e escritor –, a jovem República Popular de Angola.

Se trago à vossa consideração esses aspectos peculiares da já importante e significativa produção de PEPETELA é porque se trata de uma obra que tem como pano de fundo o “*reescrever ficcionalmente Angola*”, é porque, apoiando-me em ALTHUSSER, se trata de “*um instrumento de acção reflectida sobre a história*” de Angola, é porque, em última análise, vislumbro nela traços de similitude com o furacão que soprando forte no Muro de Berlim, varreu da configuração europeia os contornos do então Mundo Socialista.

Seguiremos, metodologicamente, os mesmos caminhos que PEPETELA trilhou – a tomada de consciência em Lisboa, a guerrilha, a construção do socialismo em Angola -, tomando como paradigmas ANIBAL, VITOR, SARA E MALUNGO. Trata-se, ao fim e ao cabo, de acompanhar a leitura que PEPETELA faz de MARX (e do marxismo) e, a partir delas o modo como a utiliza na concepção da luta de Libertação do Povo Angolano, rumo à edificação do socialismo científico.

Quando PEPETELA desperta para actividade política, as “*balas (já) tinham começado a florir*” nas matas angolanas. Em Portugal acelerava-se a mobilização em defesa da unidade nacional e na luta contra o terrorismo. “*A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os africanos em Lisboa. (...) E a população passou de repente a olhá-los com a hostilidade. (...) Os negros e mulatos eram quase apontados a dedos, nos cafés, nos cinemas, na rua. Traziam na cara os estigmas que os denunciavam como potenciais terroristas*”(GU, 12). Na Casa dos Estudantes do Império, mais de meia centena de estudantes já tinham abandonado Portugal, indo engrossar as fileiras daqueles que com armas combatiam o regime colonial português. O fascismo dera o que tinha a dar. E, à volta do marxismo mobilizavam-se as forças para o assalto final à cidadela salazarista. Para os estudantes africanos recém-chegados à então capital do antigo império colonial, o contacto com o marxismo afigurava-se inevitável, a chave possível capaz de “*na inteligência do conjunto do movimento histórico*”(MARX), abrir as portas ao entendimento do processo colonial português. Entrava-se nele, como se entra na

Igreja, por uma verdadeira “conversão”. Os heróis do comunismo assimilavam-se aos heróis da hagiografia cristã. O marxismo era a Bíblia e o novo Evangelho anunciava a boa nova – o paraíso do futuro – com o dia de amanhã a ser melhor e mais belo. Entrava-se nele e, tal como TERTULIANO, podia-se afirmar que *“com a vinda de Jesus Cristo não necessitávamos de teorias subtis nem discussões sobre o Evangelho”*.

Era assim que, a partir desse marxismo mais religioso que político, messiânico e de Esperança que os estudantes africanos radicados em Lisboa iniciavam a sua aprendizagem política, forjavam os instrumentos de combate, numa altura em que *“a guerra era (já) a continuação da política por outros meios”*(CLAUSEWITS).

Longe do País que mal conheciam, longe da luta que era então uma realidade, longe também do movimento operário internacional, tentavam reconstruí-lo pela imaginação, através da sua nostalgia e da sua memória. E através dela, também, pesar na balança política mais do que permitia o seu peso social real e a sua verdadeira influência. É na Casa dos Estudantes do Império *“onde se reunia a juventude vinda de África”*, onde se realizavam *“conferências e palestras sobre a realidade da colónias”* e onde se iniciavam nas *“primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente”* que SARA, mulher branca, *“no centro mesmo de império descobria a sua diferença cultural em relação aos portugueses”*. *“Foi um caminho longo e perturbante. Chegou à conclusão que o batuque ouvido na infância apontava outro rumo, não o do fado português”*. Até então, *“cada um ficava aparrado às suas recordações da infância e transmitia aos outros, que as viviam como próprias. E a ideia cada vez mais mítica da terra longínqua, feita de impressões misturadas, em que se cruzava a cadência do Kissange com os frutos do planalto e as zebras do deserto do Namibe. A distância emprestava às coisas o tom patinado da perfeição”*. No entanto, o que se passava realmente na terra? De concreto, nem VITOR, nem ANIBAL, nem MALONGO, cuja única preocupação era ser titular do Benfica e que *“deixa, ainda vou ter um Mercedes. E andar por aí com o carro cheio de miúdas, a pagar-lhes lanches nas melhores pastelarias”*, ninguém sabia. *“As notícias enchiam páginas dos jornais, mas as informações eram poucas. A censura estava a trabalhar a triplo vapor, as tesouras nunca funcionaram tanto como agora. Os jornais enchiam-se de discursos patrioteiros, Portugal é uno e indivisível, de declarações de apoio ao regime, mas pouco de concreto sobre os acontecimentos. Sabia-se que o Norte se tinha revoltado em nome duma antes desconhecida UPA e LUMUMBA, que era uma esperança de futuro”*(GU, 15). Da UPA sabia-se pouco, como pouco se sabia também dum outro partido criado lá fora. Apenas, que era o partido de Mário de Andrade e Viriato da Cruz, *“dois grandes intelectuais”*. Sem a consciência clara do que então se passava na frente de combate, ANIBAL, estudante brilhante, com bolsa paga por uma organização protestante e que na tese de fim de curso

apresentara “uma análise de política colonial no século XIX, em que demonstrava que o Estado português liquidou a burguesia angolana que ganhava consciência da sua diferença e se encaminhava para posições autonomistas inspiradas nos princípios da Revolução Francesa”, ante a perspectiva de embarque para Angola integrado no contingente da tropa portuguesa, tem este desabafo: “Pode ser útil para mobilizar os angolanos a lutarem contra o colonialismo e a impedir os civis tucas de massacrarem os patrícios”. Em seguida: “Mas pergunto-me se um oficial negro terá essa liberdade de acção, vou estar tremendamente vigiado” (GU, 22). ANIBAL de quem SARA suspeitava ligações com o Partido Comunista Português, homem de “uma tremenda força interior” não se decide, deixando no ar uma vaga hipótese de “desertar e cavar. Passar para o outro lado”. “Mas precisava de tempo”. Enquanto isto, recorda, com SARA, uma pescaria de Benguela, na praia de CAOTA: a areia, o rochedo e o polvo. “Hoje ainda quando tenho pesadelos, aparece esse polvo”. SARA é doutra têmpera: “Não te vejo a desembarcar em Luanda e desfilar na Marginal à frente da tua companhia. O que vão as pessoas dizer?” ANIBAL auto-justifica-se: “Isso é sentimentalismo. Pouco interessa o que as pessoas pensam de mim. Estarei a cumprir um papel útil, fazendo trabalho clandestino, organizando grupos, talvez roubando armas para a malta que está a lutar. Também não sei o que posso fazer mas na ocasião saberei”(GU, 23). Enquanto ANIBAL divaga e esquivava-se a uma resposta concreta, SARA pergunta-lhe: “Afim já tomaste a decisão de ir?. Disparate! – responde-lhe. Essa é uma hipótese apenas”.

“O mistificador, diz AUGUSTO DA COSTA DIAS, é sempre o primeiro a iludir-se com o seu próprio JOGO”.

SARA “que (começa) a ficar farta de só servir de saco para onde (MALONGO) atira o esperma” quando lhe apatece, questiona o amante acerca da “existência dum tal MPLA, um partido criado no estrangeiro” do qual VITOR dissera “ter chegado documentos” e “que era uma coisa porreira” (GU, 41) é surpreendida com a resposta de MALONGO: “Tu bem sabes que a política não é o meu forte, nunca me interessou”. (GU, 45). VITOR “já nem estuda, só anda a ler livros proibidos” (GU, 42). “Quando a minha geração começou a luta para a libertação de Angola, afirma PEPETELA, numa entrevista ao Jornal PÚBLICO, tinha muitos sonhos, muitas ideias”.

Tudo se passa num círculo fechado que tem como balizas a Casa dos Estudantes do Império, “*o centro da revolução africana*” e o Café Rialva, quase em frente, na Avenida Duque de Ávila. À excepção de ANIBAL que parece ter contactos com o Partido Comunista Português, nada penetrava naquele cenáculo, nem mesmo as organizações angolanas existentes e comprometidas com a luta de libertação nacional. E quando SARA aventou a hipótese de uma participação nas manifestações de 1º. de Maio, “*MALONGO recusou logo, não meto nessas coisas, não sou estudante nem trabalhador. VITOR foi mais claro, isso é um problema dos portugueses, não é*

o nosso”. Só LAURINDO, um jovem da Gabela, no seu primeiro ano de Portugal, que tinha curiosidade de ver uma manifestação, é que acedeu logo. Assim como FURTA-DO.

Quando se tratou de estabelecer uma estratégia conjunta com o Partido Comunista Português, veio ao cima que *“os comunistas acham que se deve trabalhar no interior do regime e derrubá-lo por dentro. E os nacionalistas angolanos, cada vez mais radicais, pensam que os angolanos devem lutar em Angola, de forma absoluta independente e sem ter nada que ouvir os papás da esquerda portuguesa”*.

Assim se cria o mito. E é já como mito, que abandonam Portugal, rumo à nova frente de combate. Fazendo esquecimento das iniciativas políticas realizadas por outras gerações de angolanos, iniciativas que no dizer de HENRIQUE ABRANCHES, representante máximo do marxismo-ambaquista angolano, *“não consegue aprofundar-se, pois era nascido de uma classe hesitante e de certo modo condenada: a pequena-burguesia, não colonialista mas ainda colonial. Essa cultura radicava-se numa outra classe ainda pequeno burguesa mas enriquecia por uma experiência política radical aprendida com as massas, por um lado, com o contexto Africano e Mundial, por outro. (...) Mas, observando a essência-histórica deste fenómeno cultural, poderíamos considerar que não era verdadeiramente uma cultura que os intelectuais angolanos da época edificavam. Era, sim e apenas, um corajoso ESFORÇO CULTURAL, era sim e somente uma frente de combate provisória, precursora e translissora de novas ideias, que se antecipava à repressão cultural reaccionária do regime colonial fascista”*a nova cruzada, ainda no dizer de HENRIQUE ABRANCHES, fala de *“duas guerras fantásticas que nos permitiram escolher abertamente uma opção socialista”*. Sem comentários!

Ainda em Lisboa, ANIBAL propõe *“uma sociedade onde o Estado ia abolir as classes, uma sociedade sem Estado pois este tendia a ser o manto sob o qual novas classes se criariam”*. Mas perturbada com os problemas de MALONGO, da criança – fruto incontido do esperma malonguino – e do racismo, SARA discute com ANIBAL que afirma *“não tenho muitas informações sobre pontos específicos”* mas, se compromete *“se chegar ao contacto com eles, é por isso que me vou bater”*. Reconfortada, SARA suspira: *“Se o movimento não tem essa tua visão, também não é o meu”* (GU, 74-75).

MARTA, filha de ricos agricultores do Alentejo, mas progressista, alimentada por leituras de anarquistas do século passado e que alberga ANIBAL, enquanto não foge para a França, é quem faz o diagnóstico mais exacto de ANIBAL, desse grupo que a partir da Casa dos Estudantes do Império e do Café Rialva parte para a luta com o projecto radical de socialismo na imaginação e na ponta da caneta. *“Vai desiludir-se. A tal revolução que tem `a frente não vai ser como ele a imagina. Nunca nenhuma é como os sonhos dos sonhadores”*(GU, 111).

E Marta tinha razão?

Deixando Portugal a caminho da nova aventura, PEPETELA, MALONGO, SARA, ANIBAL e VITOR, ultrapassam o estadio em que os filósofos se tinham limitado a interpretar o mundo, passando decididamente a transformá-lo de uma forma revolucionária. É o fim de uma e passagem para outra forma de utopia.

Em carta dirigida a ARNOLD RUGE, num momento em que começa a passar do radicalismo político ao comunismo, com repúdio de toda a forma de dogmatismo e da utopia, MARX afirma: "*nous n'anticipons pas sur le monde de demain par la pensée dogmatique, mais qu'au contraire nous ne voulons trouver le monde nouveau que'au terme de la critique de l'ancien*". (...) *Nous ne nous présentons pas au monde en doctrinaires avec un principe nouveau et en lui disant: "Voici la vérité, à genoux devant elle!" Nous apportons au monde les principes que le monde a lui-même développés en son sein*". Impunha-se, portanto: "*Nous lui montrons seulement pourquoi il lutte exactement, et la conscience de cette lutte est une chose qu'il devra acquérir, qu'il le veuille ou non*" (LA NOUVELLE CRITIQUE, N° 60, DÉCEMBRE, 1954).

PEPETELA abandona os seus personagens em Paris e dali parte para Argel onde vai glorificar uma revolução – a angolana –, um partido – o MPLA – e um dirigente político – AGOSTINHO NETO –, revolução, partido e líder que conhece apenas de ouvir dizer.

ANIBAL e VITOR seguem para o Congo e Zambia e dali para a frente de combate.

A natureza utópica desses revolucionários não reside apenas na ausência de uma "*análise de situação política, do estudo das correlações de forças em presença, numa palavra, na falta de uma visão lúcida da natureza e objectivos duma luta de libertação nacional mas, na sua concepção do processo revolucionário e nas suas incompreensões acerca das formas de luta e organização*" (ALVARO CUNHAL). "*Esses jovens vêm todos da Europa com a idéia que o estudo teórico do marxismo é uma poção mágica que os fará ser perfeitos na prática*" – desabafa SEM MEDO (M,89).

E com essa armadura teórica, o que propõem, é um conceito metafísico da revolução. Uma revolução em que "*o objecto principal é fazer toda agente estudar*".

E neles isto é de tal forma fundamental, uma vez que "*o que se vê agora aqui é que "são os mais atrasados que querem mandar"*".

"*É verdade, diz o NARRADOR, que todos os homens são iguais*" e que "*todos devem ter os mesmos direitos*". Ora, uma vez que "*nem todos os homens estão ao mesmo nível, há uns que estão mais avançados que outros. São os que estão mais avançados que devem governar os outros, são eles que sabem*" (M, 56).

Importa ressaltar que, mesmo quando o Poder está ao alcance “*dos mais avançados*”, no regime socialista que pretendem instaurar “*é demagogia dizer que o proletariado tomará o poder. Quem toma o Poder é um pequeno grupo de homens, na melhor das hipóteses, representando o proletariado ou querendo representá-lo. (...) Para fazer parte da equipa dirigente é preciso ter uma razoável formação política e cultural*”. E o drama do proletariado começa aqui: se permanece proletário e sem uma razoável formação política e cultural, não poderá ascender à classe dirigente. E se passou muitos anos a estudar ou na organização de estudantes, deixa de ser operário, é um intelectual.

Estamos perante uma revolução demasiado caricata para que se possa considerá-la como coisa séria. Sendo uma revolução de defesa dos interesses da classe operária, condena-a a querer ao suicídio, como classe, ou ainda, castiga-a inexoravelmente, a permanecer como tal, quer dizer, sem qualquer possibilidade de ascensão social, dentro da revolução que pretende defendê-la. Sendo também uma revolução de defesa do Povo, da larga maioria das massas populares, esse Povo e essa Massa Popular vira-lhe as costas, não adere, não colabora. “*O Povo não apoia, nem conseguimos quotizações sérias*” – lastima SEM MEDO.

O revolucionário utópico assume o papel de uma elite salvadora, predestinada para deter a revolução e o País à beira da catástrofe. Os seus sentimentos e ambições levam-no a menosprezar o papel da acção organizada e, sem estrutura partidária, sem a classe operária ou o apoio das massas populares, acredita ainda: “*Eu sei que o comunismo não será conquistado já, comigo em vida, que o mais que conseguiremos é chegar ao comunismo*” – pensa o MUNDO NOVO (M, 262). Para que isso aconteça, “*vamos tomar o Poder*”. E depois, que fazer desse brinquedo, “*e que vamos dizer ao Povo?*”. De seguida: “*Vamos construir o socialismo*” (M, 128). Vejam como as coisas se articulam. E para que não haja dúvidas: “*Só pararei, e aí racionalmente, quando vir que a minha acção é inútil, que é gratuita, isto é, se a revolução for desviada dos seus objectivos fundamentais*” – assegura-os SEM MEDO (M, 90).

Falar de crise dum regime, dum sistema ou duma revolução tornou-se um facto banal. Apresentamo-la, frequentemente, como problema grave, verdadeira catástrofe ou vitória da Humanidade. Amamos ou odiamos os “*problemas*” sem termos a preocupação de colocá-los em termos solúveis, sem tirarmos deles um ensinamento crítico e positivo, sem organizá-los em verdadeira problemática. Dogmatizamos os problemas e colocamos-lhes uma conclusão de circunstância... política.

Ora, pergunto, não é no plano da reflexão crítica que o papel do intelectual se exerce, no recriar, a partir dos erros do presente, os caminhos seguros do futuro?

Se nada de novo surgiu, como contributo dos nossos heróis-míticos na luta de libertação, isso se deve, em nosso entender a dois factos: ou na realidade nada de novo aconteceu na prática social, na sociedade, na história da luta de libertação de Angola, ou então, ao facto de a compreensão teórica dos factos se afastar da prática política.

A ideia de aposta encontra-se no centro não sòmente do pensamento jansenista (aposta na salvação individual), no pensamento de Pascal (aposta sobre a existência de Deus) e de Kant (postulado prático da existência de Deus e da imortalidade da alma) mas também no centro do pensamento materialista e dialético (aposta no triunfo do socialismo na alternativa que se oferece à Humanidade na escolha entre o socialismo e a barbaria).

A aposta socialista elaborada no caldeirão revolucionário da Casa dos Estudantes do Império e no Café Rialva, em Lisboa, experimenta, no terreno da luta concreta, um tremendíssimo fracasso. Vendo-se de antemão vencidos por um processo histórico que nunca entenderam, reagem como vítimas predestinadas. Instala-se o pessimismo, espécie de hecatombe, o fim do mundo. Deixam de ser homens de uma só convicção, uma só cor ideológica – são zebrados.

O COMANDANTE, formado na Escola Marxista, guardou da sua classe de origem uma boa dose de anticomunismo, o que se revela pela recusa da igualdade proletária. (M, 117). SEM MEDO, considera-se *“um herético, um anarquista, um sem-partido, um renegado, um intelectual pequeno-burguês”*(M, 126). *“Queremos transformar o mundo e somos incapazes de nos transformar a nós próprios. Queremos ser livres, fazer a nossa vontade, e a todo momento arranjamos desculpas para reprimir os nossos desejos: E o pior é que nos convencemos com as nossas próprias desculpas, deixamos de ser lúcidos. Só covardia”*(M, 219). *“Nós estamos aculturados, corrompidos, muito mais alienados”*(M, 223). *“Vês como estás, SÁBIO? Até já dizes que esta guerra é absurda”*(GU, 147). E à guisa de conclusão: *“Eu sou o tipo que nunca poderei pertencer ao aparelho. Eu sou o tipo cujo papel histórico termina quando ganhamos a guerra”*(M, 261). *“Eu sou, na sua terminologia, um aventureiro”*(M, 262).

Filhos póstumos duma revolução destruída, procuram a salvação no sentimento, no instinto, na imaginação e no sonho. Como consequência imediata a realidade ou a vida deixam de ter atractivos. Deixam de crer na luta, no progresso, na acção e predicam o retorno salvador ao misticismo (ELIAS apresenta ao Povo a VOZ DE DOMINUS), ao convívio com o passado. *“O vosso Paraíso, aquele Paraíso que agitam diante dos olhos das massas é o futuro, um futuro tão abstracto quanto o Paraíso Cristão”*(M, 131). Hoje, *“a utopia morreu. E hoje cheira mal, como qualquer corpo em putrefacção. Dela só resta um discurso vazio”*(GU, 202).

MEDEIROS, Tomás. Pepetela – o poeta da utopia. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 231-240, 1995/1996.

Na já citada entrevista concedida ao Jornal PÚBLICO, PEPETELA reconhece que *“durante o próprio processo certas ideias foram sendo tentadas”* e PEPETELA *“começou a acreditar que se podia fazer qualquer coisa de diferente”*. Porém, *“houve tantos erros e também tantos factores estranhos que se meteram no meio que não podemos dizer que aquele sonho inicial tenha sido realizado. Houve bastantes coisas que falharam”*.

Era o fim dum período em que, parafraseando HEGEL, os fundamentos da revolução angolana giravam e só, na cabeça dos nossos heróis predestinados. Período em que os princípios estabelecidos pela sua especulação, reclamavam o direito a serem acatados como base de todos os actos humanos e de toda relação social. Mas, que abismo entre os sonhos sonhados e a realidade vivida!... *“Lutar? Vão lá eles, os donos da guerra. Vão ver se pode lutar assim, sem mantimentos, sem Povo, com guerrilheiros que fogem ao primeiro tiro”* (GU, 137). A desolação sobe de tom: *“Nada foi organizado, já não digo para melhorar, mas pelo menos para manter o nível de vida da população. Nada, ou pouco”* (GU, 141).

Já nada existe senão o caos. Soa o toque de finados e com ANTÓNIO NOBRE, bem poderiam gritar:

Ó meus Amigos! Todos nós falhamos...
Nada nos resta. Somos uns perdidos.
.....
Jesus! Jesus! Resignação... Formamos
No mundo, o caustro-pleno dos vencidos.

Faltou aos nossos heróis, na sua vida política, como no seu pensamento teórico o exame crítico e profundo das suas próprias certezas, das suas crenças ingênuas. LUKACS diria que *“o conflito trágico subjacente a qualquer revolução é a contradição entre o entusiasmo, a confiança imediata de Ideia na sua força própria e o seu caracter infinito e a necessidade de uma política realista”* Resistiram todos com a força da juventude e a força da conjuntura histórica de então. E quando as suas ilusões já não eram senão ilusões, não foi difícil encontrarem no OUTRO, o bode expiatório que tanto necessitavam. A culpa não era da utopia, era do partido, do tribalismo e do racismo.

A Independência foi-lhes fatal. Um partido sem agulha nem Norte prolongou a Utopia – a construção do socialismo nas condições de caos generalizado. E quando o desastre era uma evidência, houve ainda quem dissesse que *“Mais uma geração e o angolano seria um homem novo”*. No meio dos destroços, VITOR tornou-se Ministro e corrupto como os demais; SARA permaneceu fiel ao MPLA, trocando, apenas, o esperma de MALONGO pelo de ANIBAL e este, refugiou-se no passado, na

MEDEIROS, Tomás. Pepetela – o poeta da utopia. *África: Revista do Centro de Estudos Africanos*. USP, S. Paulo, 18-19 (1): 231-240, 1995/1996.

sua praia de Benguela, caçando peixes e polvo. E MALONGO? Herói coerente e paradoxal, viveu no meio da turbilhão sem nunca ter participado nela. Perdida a ilusão de ser titular do Benfica, tornou-se candongueiro e rico. PEPETELA é Vice-Ministro num Governo da Utopia e Comandante Militar num exército em debandada.

Um dia, quem sabe?, ORLANDO fará a verdadeira história desta geração que nascendo da utopia, acabou por ser vítima da sua própria utopia. Fica-nos e para a literatura angolana os dois romances de PEPETELA – MAYOMBE e a GERAÇÃO DA UTOPIA – a força da poesia que com ROGER BASTIDE e na falta de termo mais adequado “*a poesia do burlesco, a poesia da grande farsa ao mesmo épica e lírica*”. Uma poesia épica – a das grandes batalhas ideológicas, dos movimentos vingadores do proletariado e das massas populares. Poesia lírica que se afirma pela repetição rítmica dos mesmos temas – o amor, a dúvida, a chana, a praia. Poesia sem imagens. Poesia que engloba personagens que,

*Depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho.*

(Alvaro Campos)